

European Nazarene
Bible College
Library



O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE MAIO DE 1981





a undécima praga

Recentemente, um grupo de estudantes discutia as dez pragas que assolaram o Egito, segundo a narrativa bíblica. Deram-se asas à imaginação. Que pragas teriam sido as mais terríveis? Quando foram considerados os detalhes práticos de cada uma, chegou-se à conclusão que todas tinham o seu quê de aterrador.

Foi então que alguém mencionou uma praga que não se acha alistada no número das tradicionais, mas que quase destruiu o povo de Israel. Chamemo-la a *undécima praga*. Ela vem mencionada em Génesis 14:10, que diz: "Os filhos de Israel levantaram seus olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito".

Trata-se da **praga do temor**. Longe de ser uma curiosidade da era das pirâmides, é um monstro que ronda o calendário e ainda hoje assombra a vida de cada um de nós.

O medo ataca de várias formas: tememos o que não vemos; por outro lado, tememos também o que vemos.

Para os israelitas, o temor associava-se ao que viam, a um medo muito lógico. Não se tratava de imaginação que concebe fantasmas povoando o escuro. Era um exército de verdade armado até aos dentes.

É fácil para nós acalmar a criança assustada à hora do dormir. Mostramos-lhe que o aparente fantasma que ela vê algures no quarto é apenas sombra, cortina, roupa, ou peça de mobiliário. Por vezes abrimos uma luz para provar a inexistência do que causava tanto medo.

Mas que fazer quando o perigo é real, como neste texto bíblico: "Os filhos de Israel levantaram seus olhos e eis que os egípcios vinham atrás deles"?

Estamos à luz do sol.

Temos os olhos abertos.

Sentimos o trepidar de cavalos.

Ouvimos gritos de guerra.

O ruído crescente de rodas metálicas esmaga a desculpa de que talvez estejamos a sonhar...

Que fazer então?

Para muita gente, chegou a hora de perder a cabeça. Os israelitas ficaram paralizados por momentos; depois, irromperam em auto-lamentação que degenerou até ser crítica acerba contra o próprio Deus. A undécima praga ameaçava dizimá-los.

Nessa hora grave ouviu-se a voz do homem de Deus. Pedia ao povo três acções básicas para o combate àquela praga.

A primeira era identificarem um inimigo mais fulminante que o exército perseguidor: o medo. Enquanto concentravam a atenção nas tropas atacantes, perdiam a consciência do monstro que se emboscara nas areias falsas do medo. Por que temer quando Deus está ao nosso lado, e Ele já deu provas sobejas de que é Todo-Poderoso?

A segunda estratégia recomendada por Deus era "Estai quietos". Há uma diferença entre a paralisia do medo e a confiança calma de que chegou a hora de Deus actuar. Ele vai fazê-lo: a Seu modo, a Seu tempo, com Seu poder.

Finalmente, o que a confiança e a fé aceitaram como realizável, assume formas, ganha substância concreta e torna-se bem visível. A terceira ordem de Deus ao povo é esta: "Vede o livramento do Senhor" (v. 13).

O que Deus faz para eliminar os nossos temores é grandioso. Torna-se tão evidente como a luz do sol espelhada na areia imensa do deserto. □

—Jorge de Barros



a igreja na história

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

A história do mundo é a da aceitação ou da rejeição da igreja. Cristo colocou a igreja como uma encruzilhada na vida do homem. Ela é luz nas trevas ou como uma cidade no topo duma montanha onde todos a podem ver. O homem encontrará na igreja quanto necessita basicamente. O seu destino relaciona-se com ela de forma inevitável.

Em certas épocas da história, os homens abandonaram a igreja e a sua luz enfraqueceu no meio das trevas. Buscaram noutras fontes prazeres e comodidades. Esses períodos constituíram "épocas de obscurantismo": tempos de guerra, de aflição e de fome, de fracassos nacionais e queda de impérios. Anos em que o progresso diminuiu quase ao ponto de estagnação.

Mas, também, houve ocasiões em que a igreja chegou a ser uma força reconhecida na vida da comunidade e da nação. O povo reunia-se nos templos e ouvia as verdades do evangelho. As crianças eram criadas sob "os ensinamentos e admoestações do Senhor".

Foram os melhores dias. A luz da igreja iluminou os caminhos do homem. A paz reinou sobre a face da terra. A integridade e a honestidade prevaleceram nos governos. A alegria das crianças espreitava nas ruas. A vida era agradável. Os jovens faziam planos para o futuro e viviam na esperança de os concretizar. Tudo, devido à igreja.

A história diz que a maior necessidade do mundo actual é o seu regresso à verdade redentora da igreja. As pessoas que se reúnem para adorar a Deus, devem conceber novo significado quanto ao propósito da igreja: levar a verdade e a redenção às almas perdidas.

A crise urgente da humanidade fez que Cristo viesse ao mundo buscar e salvar o que estava perdido. Reconheçamos que a Sua Igreja, pela qual Ele pagou o preço mais elevado, não é uma alternativa ou opção. A Igreja situa-se no caminho do homem para Deus. Atendamos à chamada do Senhor.

É sobre esta rocha (Cristo) que a Igreja está edificada e "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). Vivamos com confiança dentro da fortaleza divina da igreja. Esta é a chave para o melhoramento do homem. Ela proclama a verdade que refuta o erro em que caem muitas vezes as multidões e, como resultado, perdem suas almas. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X

15 de Maio de 1981

Número 10

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

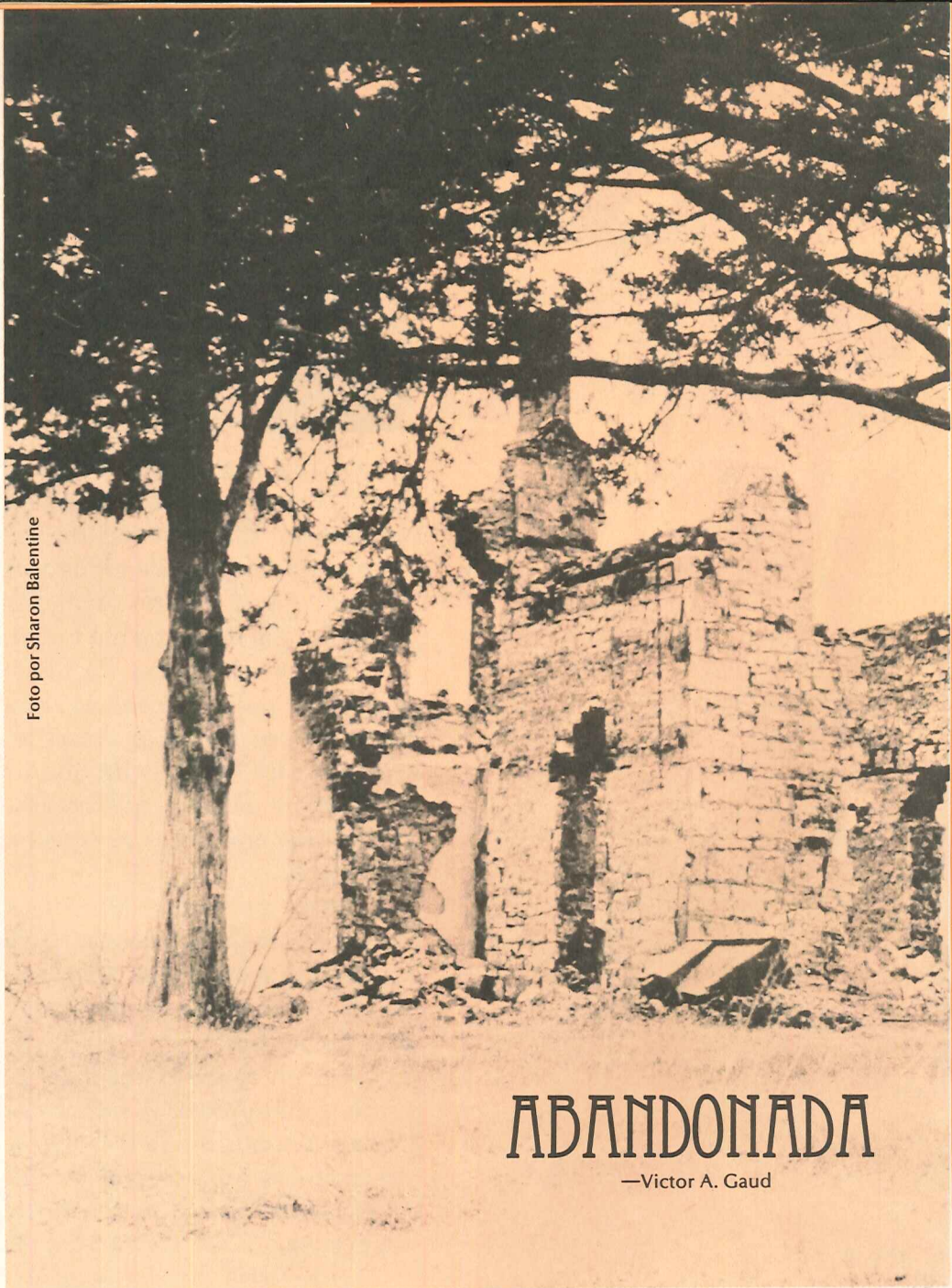
O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto de TRINITY PHOTOS

ano do Ministro

Foto por Sharon Balentine



ABANDONADA

—Victor A. Gaud

Numa região isolada certa igreja ministrava a uma comunidade pobre. Dava-lhe paz, conforto e inspiração para a lide da vida diária. Aconteceu, porém, que os membros se foram descuidando pouco a pouco até chegarem ao ponto de pensar que o melhor seria fechar as portas do templo.

Os anos passaram. A erva cresceu até converter o templo num matagal. Os bancos encheram-se de pó e de teias de aranha.

Numa noite de inverno soprou forte o vento e desencadeou-se um grande temporal. A caminho

da casa um transeunte não encontrou outro lugar onde se refugiar. Arrombou a porta da igreja abandonada, afastou algumas ervas e entrou, enquanto fora a chuva inundava as estradas e os campos. Pouco depois, outro homem que passava, resolveu entrar para se abrigar da tempestade. A seguir chegaram mais.

Enquanto esperavam, recordaram o bom tempo em que acompanhados das esposas e dos filhos assistiam alegres aos cultos.

—A igreja ajudava-nos tanto!
—disse um deles.



A IGREJA NO MUNDO

—H. T. Reza

A princípio pensei que o tema era “A Igreja Perante o Mundo”. Mas dava-me a ideia da Igreja ser espectadora ao considerar os problemas e situações mundiais. Preferi este título por exprimir o interesse da Igreja, como protagonista, nos acontecimentos que a cercam.

O mundo tem seus problemas. O alcoolismo é um deles. Não abrange só adultos, mas jovens e, em certos casos, até crianças. Estive há tempos numa aldeia de certo país. Pedi água para beber e algumas pessoas riram-se de mim. “Aqui ninguém bebe água”, disseram. “Só há bebidas alcoólicas”. Não é por acaso que se encontram tantas doenças e anormalidades nas crianças de algumas províncias. “A garrafa” é um mal social.

Alguns evangélicos divertem-se quanto ao uso do álcool ou do tabaco. Até nos escritórios mais selectos se usam cigarros de chocolate e bebidas que “imitam champanhe”, para gracejo dos presentes. Na vida do mundo o vinho e as diferentes marcas de licores não são chalaça. Representam realidade séria. Os crentes devem evitar tudo aquilo que Deus reprova.

No mercado das drogas sempre existiu marijuana, mas agora foi acrescida da cocaína, morfina, heroína e outros “alucinantes”. Para cúmulo alguns empenham-se em provar que a marijuana não é tão nociva como se pensa.

Outro problema é o divórcio que, em alguns países, adquiriu proporções desastrosas. O resultado é o desleixo do matrimónio, os amantes que “vivem juntos” sem perigo de crítica social, e a proliferação de filhos abandonados.

O uso de comprimidos está em voga: desde o anticonceptivo, antidepressivo, provocador de sono, até o que leva ao suicídio. Qual o ministério da igreja perante estas realidades?

A igreja deve ajudar o povo a resolver seus problemas: falta de energia eléctrica, de alimentos, de gasolina e outras matérias primas. Agora fala-se na escassez de água para dessedentar biliões de almas que povoam a terra.

Li algures um artigo dum pastor nazareno que descreve assim a sua comunidade: famílias de seis e sete pessoas vivendo em águas-furtadas de três ou quatro metros quadrados, crianças com estômago inchado por alimentação deficiente, mulheres em maus caminhos para ganharem o pão de cada dia e pessoas revoltadas pela frustração em que vivem.

Igreja, desperta! Gastamos o nosso tempo precioso em resolver problemas internos. Damos palmadinhas nas costas, porque somos tão bons que não ouvimos o clamor dos que se perdem sem Deus. Organizamos demasiados lanches e reuniões sociais, sem pensar nos desvalidos que vagueiam pelas ruas esperando uma mensagem de amor.

Sem ser do mundo, a igreja está nele para ser o sal que dá sabor e a luz que alumia. Façamos novos votos de usar energia, talentos e vida inteira em proclamar por toda a parte que Cristo oferece salvação e que Ele é a solução dos nossos problemas, quaisquer que eles sejam. □

—Mas hoje encontra-se abandonada por nossa culpa—comentou outro.

Fomos obrigados a regressar precisamente no meio duma tempestade. Não será que Deus nos quer mostrar algo?

Outro mais sensato concluiu: “Deus quer nos ensinar que nas lutas contra as adversidades, no meio de perigos, só na igreja encontraremos refúgio seguro.

Todos prometeram que não descansariam até que a igreja voltasse a ser o que fora antes. □

o significado da santidade

—Loren W. Gould

Se numa reunião entrevistássemos um grupo de pessoas e perguntássemos a cada uma delas: “Que entende você por santidade?”, teríamos respostas diferentes. A melhor maneira de responder à pergunta é pela consulta à Palavra de Deus.

Lemos na Bíblia: “Santos sereis, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Levítico 19:2). Por outras palavras, Deus diria a Israel: “Quero que sejais como Eu; que o Meu carácter moral vos sirva de modelo”.

Assim, a santidade significa possuir carácter moral semelhante ao de Deus. Em muitas passagens do Velho Testamento há evidência da direcção divina a encaminhar o povo para a santidade. A lei foi dada por Deus através de Moisés com o propósito de a cumprirmos os que crêem. É serva que nos guia.

No Novo Testamento o apóstolo Pedro referiu-se ao mandato divino mencionado em Levítico: “Como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (I Pedro 1:15-16). Nesta passagem o Apóstolo é explícito. Deus é puro e santo. A nossa santidade deve reflectir-se nas nossas acções, em toda a maneira de viver.

A natureza de Deus é santa e pura; e Deus é justo em todas as Suas actividades. Por Ele ser santo, também nós o devemos ser.

Em I Tessalonicenses 5:23, o apóstolo Paulo refere-se à santidade: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis, para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo”.

A inteira santificação pode-se ilustrar por uma analogia. Quando no pão quente se põe manteiga, esta derrete-se. Satura por completo o pão. Da mesma forma, a santidade deve penetrar todo o nosso ser.

Paulo acrescenta outra dimensão ao conceito da santidade: ser “conservados irrepreensíveis”. Esta ideia está encerrada no contexto. Não se trata de atitude arbitraria da parte de Deus para nos colocar a Seu lado, sem olhar ao nosso comportamento moral. Ele nos guarda sem pecar, porque fomos limpos e santificados. A pureza interior e a manifestação exterior da nossa semelhança com o carácter moral de Deus firmam o santificado.

Génesis 5:24 resume as implicações da santidade: “Andou Enoque com Deus”. É o quadro dum homem com coração puro, obediente e consagrado ao Senhor. A santidade, como a Bíblia a define, é harmonia do homem com Deus. □

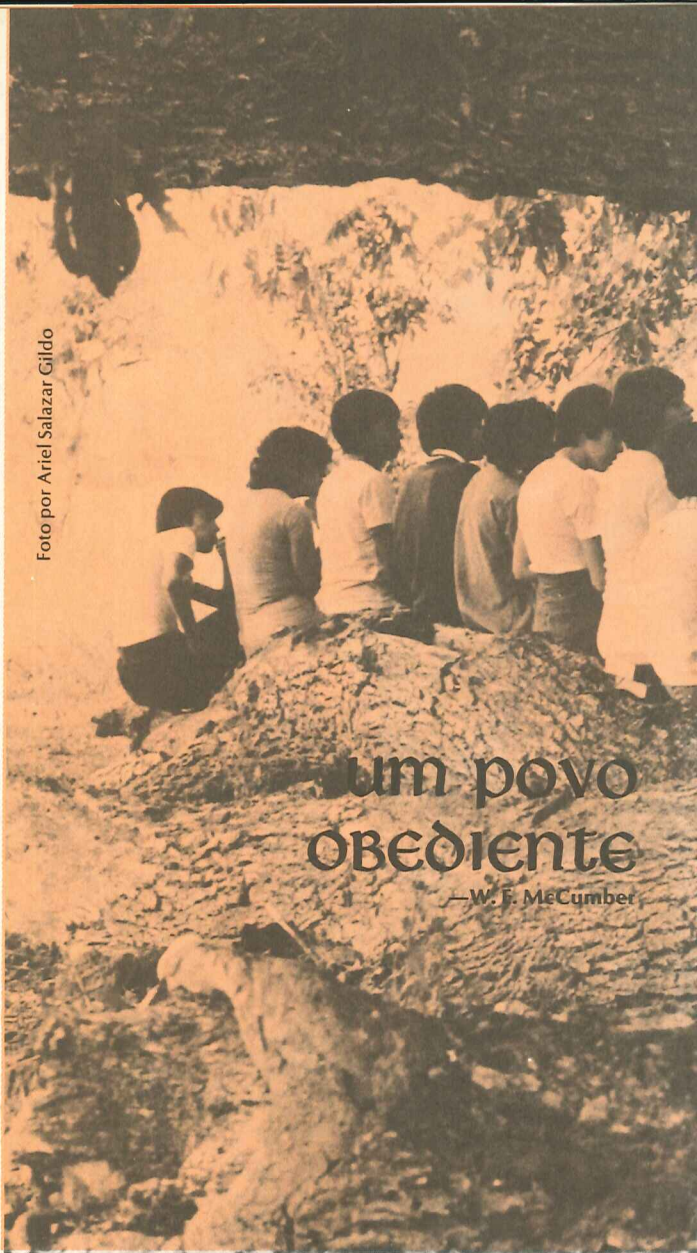


Foto por Ariel Salazar Gildo

um povo Obediente

—W. F. McCumber

Qual será a característica distintiva do povo de Deus? Qual a sua peculiaridade inata? A obediência.

Israel encontrava-se às portas de Canaã, pronto a atravessar o rio Jordão para possuir a terra prometida. No seu discurso de despedida, Moisés declarou: “Escuta e ouve, ó Israel! Neste dia, vieste a ser por povo ao Senhor, teu Deus. Portanto obedecerás à voz do Senhor, teu Deus, e farás os seus mandamentos e os seus estatutos que hoje te ordeno” (Deuterónimo 27:9-10).

A mesma verdade se aplica ao povo do novo pacto, a Igreja de Jesus Cristo. Aos cristãos da Ásia, o apóstolo Pedro escreveu: “Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido... vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus”. A esta declaração segue-se uma exortação à obediência a Deus, “a abster-se das concupiscências carnis”, a “viver honestamente”. Depois o Apóstolo apresenta um código de ética cristã que rege as relações humanas com o mundo, as autoridades civis, as pessoas com quem tra-



balhamos e convivemos (I Pedro 2:9—3:8).

Na mesma epístola, Pedro exprimira o privilégio de ser povo de Deus, relacionando-o com a obediência: “Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia na vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1:14-16). O povo de Deus distingue-se pela obediência à Sua Palavra e vontade. Este é o significado de não se conformar com o mundo.

Não existe substituto para a obediência. O rei Saul tentou substituí-la pelo ritualismo religioso, de modo a parecer uma mudança lógica. Mas Samuel, valoroso profeta de Deus, não fez caso das desculpas do rei: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do Senhor, Ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei” (I Sa-

muel 15:22-23). Ninguém está isento da obediência, nem sequer o rei.

Quando Jesus Cristo veio a este mundo, foi tentado por Satanás para que interpretasse a sua posição de Filho de Deus como um privilégio e não como uma responsabilidade. Satanás procurou que Cristo fosse outro Saul: tendo o *poder*, também tinha o *direito* de o fazer: “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães”. Mas Jesus sabia que ser Filho de Deus pressupõe obediência. Respondeu: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:1-4). Os milagres não substituem a obediência.

Não nos tornamos filhos de Deus por obediência, mas por fé. É a Sua misericórdia que nos salva, não as nossas obras. Quando somos Seus filhos não são as atitudes pessoais, os costumes ou a opinião pública que nos governam, mas a Palavra de Deus. A nossa identidade e segurança, como povo do Senhor, encontram-se intimamente ligadas à obediência. O nosso serviço limita-se a ela. Nada a substitui, ninguém está isento da obediência. □

Deus e o seu santuário

O pensamento volúvel do homem tende a desvirtuar os ensinamentos bíblicos. Nos nossos dias muitas pessoas procuram mostrar que não há necessidade de construir igrejas. É certo que Deus tem todo o universo como templo, mas também indicou aos Seus a edificação dum lugar próprio para que O adorássemos.

Jesus disse que os verdadeiros filhos de Deus O adoram em espírito e em verdade. No entanto, Ele começou por ensinar nas sinagogas e no templo, como depois também o fizeram Seus discípulos. No Salmo 132 declara-se que Deus habita entre o Seu povo.

1. O homem precisa de um santuário para mais íntima adoração a Deus. Podemos orar a Deus em qualquer parte, mas o Senhor ordenou a Moisés que construísse no deserto o tabernáculo, precursor do templo, para Ele aí se manifestar. Reinaria nessa estrutura a presença de Deus, a Sua glória.

De igual forma, nas igrejas o homem ouve a Palavra de Deus e tudo o que se relaciona com a sua condição espiritual. É nelas onde se louva, agradece e exalta a Deus, de forma pessoal e colectiva.

2. A Bíblia diz que Deus abençoa esse lugar destinado à adoração, mas sob certas cláusulas: "Se os teus filhos guardarem a minha aliança" (Salmo 132:12). Refere-se aos nossos filhos naturais, que devemos levar à casa de Deus onde encontrarão meios para serem salvos; ali são dedicados a Deus e chamados ao ministério ou a outro serviço.

O apóstolo João também menciona os filhos que andam na verdade e a alegria que isso lhe causa (II João 4).

3. Deus nos abençoa quando assistimos aos cultos: "Abençoarei com abundância o seu mantimento, e de pão fartarei os seus pobres ... e de júbilo exultarão os seus fiéis" (Salmo 132:15-16). As bênçãos são espirituais e materiais.

Jesus disse que há alegria no céu quando um pecador se converte e arrepende. No santuário também os santos se alegram, quando os pecadores se aproximam de Deus e encontram perdão dos seus pecados, pelo que todos "exultarão de júbilo".

4. No templo do Senhor encontra-se sempre o poder de Deus. Os cansados acham repouso; os tristes, alegria; o pecador, perdão; e o crente, o poder purificador do fogo do Espírito Santo. Também lá recebemos o incentivo de servir a Deus.

Recorramos ao santuário, à igreja, onde adoramos a Deus em espírito e em verdade, onde desfrutamos da Sua presença. Mas assista com a sua família, com os seus filhos, como declara o Salmista: "Alegrai-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor" (Salmo 122:1). Só assim encontraremos a santa alegria dos filhos de Deus. □

—Vicente Longo

Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos exércitos!

A minha alma está anelante, e desfalece pelos átrios do Senhor: o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo.

Até o pardal encontrou casa, e a andorinha ninho para si e para a sua prole, junto dos teus altares, Senhor dos exércitos, Rei meu e Deus meu.

Porque vale mais um dia nos teus átrios do que em outra parte mil. Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade. □

—Salmo 84:1-3, 10

indiferença perante o crime

Aumenta em todo o mundo a preocupação por causa do crime. As suas vítimas são numerosas. Desde dirigentes de países até anciãos que vivem em tugúrios, todos suplicam que haja alguém que ponha cobro ao crime.

Mas quem? E que fazer? Ao comentar o aumento astronómico do crime, o chefe da polícia da cidade onde vivo, declarou: "É resultado do fracasso nos lares, nas escolas e nas igrejas".

Na secção cómica dum jornal foi ridicularizado um presidente da câmara de certa cidade que, estendido no chão depois de assaltado por ladrões, fora abordado por um repórter da televisão:



"Senhor presidente da câmara, que opina acerca dos assaltos?"

Ele respondeu: "Naturalmente, não estou contente com o que me fizeram; mas, por outro lado, compreendo o problema sócio-económico dos agressores habituados a isso desde criança."

As grandes cidades convertem-se em lugares de corrupção, roubos, crimes e terror. Nalguns países o governo tem procurado remediar o mal através de programas de assistência social aos pobres, melhoramentos habitacionais e acesso à instrução para as minorias étnicas. Entretanto é falso concluir que "a pobreza é a causa do crime".

A atitude de parte considerável da sociedade resume-se à indife-

rença perante o crime. Pensam que "se o ignorarem, não serão incomodados". Preferem conviver com o crime (o pecado).

Ao permanecerem caladas diante de toda a espécie de crime, até as igrejas aceitam pacífica e tacitamente a coexistência com o mal. Não raro ignoram os crimes das autoridades e dos empregados: juízes que, subornados, deixam em liberdade certos criminosos; condições precárias em que trabalham os polícias e a falta de respeito pelas leis. Os transgressores são, por vezes, tidos como heróis.

Para o crente é absurdo e ridículo pensar que pode conviver com o pecado: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste sécu-

lo, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Efésios 6:12).

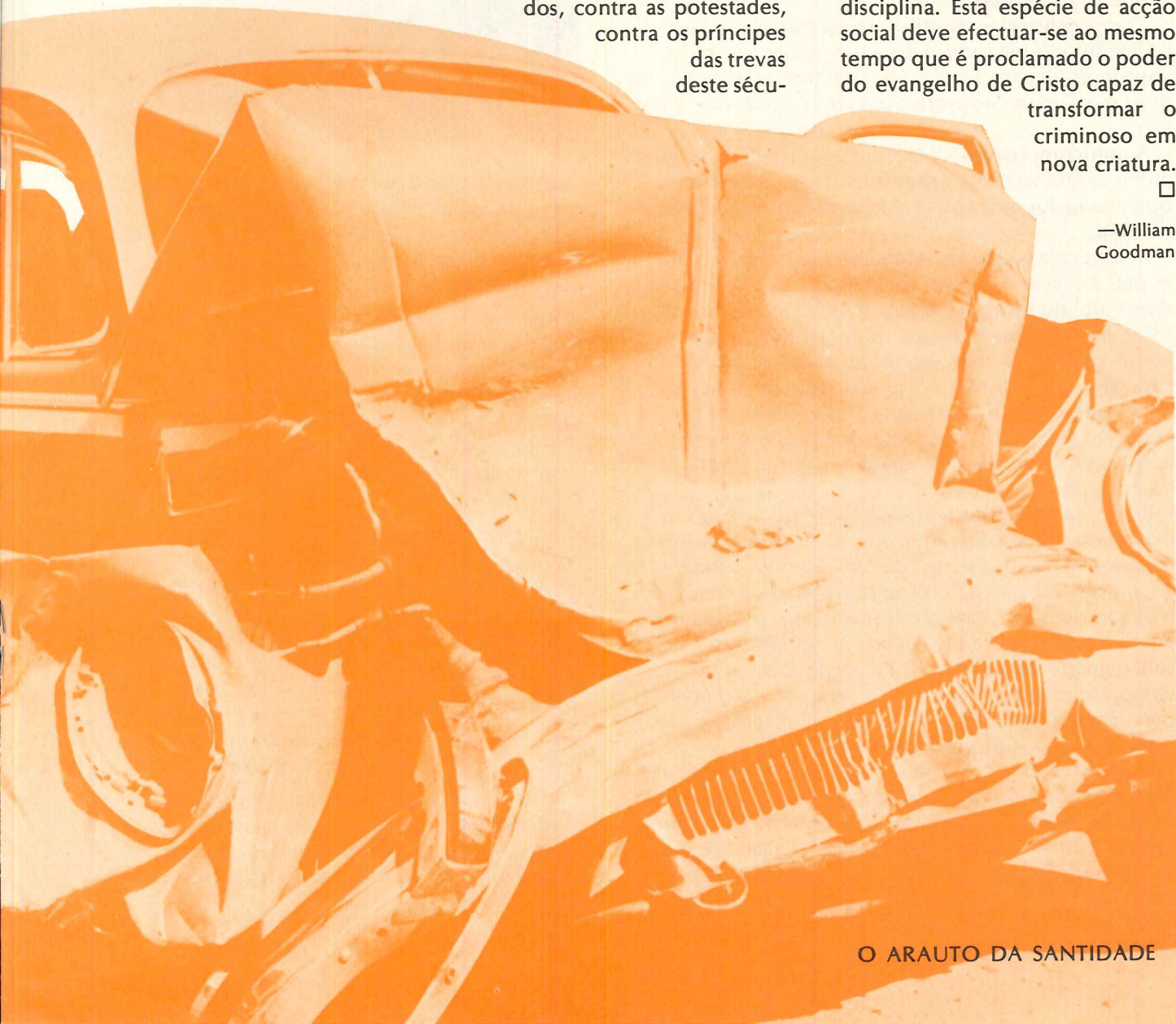
O crime é praticado por pessoas que se deixam persuadir por Satanás e, assim, se dedicam a matar e a destruir. O mal nunca pode coexistir com o bem. O pecado é o causador da destruição. O povo de Deus precisa de saber que se encontra em luta contínua, física e espiritual, contra a maldade. A única maneira de combater o crime é pôr termo à atitude indiferente perante o pecado. Oponha-se a ele o cristão de todas as formas possíveis.

Quando se rouba e ataca uma anciã de 86 anos de idade, como às vezes sucede, compete à igreja levantar a voz e pedir às autoridades que imponham ordem e disciplina. Esta espécie de acção social deve efectuar-se ao mesmo tempo que é proclamado o poder do evangelho de Cristo capaz de

transformar o criminoso em nova criatura.

□

—William Goodman



felicidade e autocompreensão

—Pauline Spray

“Conhece-te a ti mesmo”, aconselhava Sócrates. Mas já muito antes Salomão reconhecia a importância do autoconhecimento para a felicidade. Observou: “O entendimento, para aqueles que o possuem, é uma fonte de vida” (Provérbios 16:22).

Para viver uma existência plena e satisfatória, cada pessoa precisa de se conhecer a si mesma, porque é através deste conhecimento que se torna apta para compreender e viver feliz com o próximo.

Embora os seres humanos sejam mais ou menos parecidos, por possuírem as mesmas necessidades e anseios fundamentais, ainda cada um é distinto, criação única, obra da mão onipotente de Deus. Por isso, cada qual precisa de discernir as suas diferenças pessoais, pois só ele pode fazer render aquilo que Deus lhe deu.

Compreender as aptidões, capacidades e potencialidades de alguém, é torná-lo capaz de maior contribuição para a vida. Reconhecer as suas fraquezas e limitações evita desânimos, frustrações e erros.

A autocompreensão precede a cura. Antes de alguém sentir satisfação espiritual, deve reconhecer que é pecador, necessitado de perdão e de limpeza da alma.

A autocompreensão também é necessária para aliviar a tensão nervosa, uma das causas provocadoras de doenças na actualidade. O Dr. Joseph Molner escreveu: “Os nervos constituem um problema que afecta de certo modo a grande maioria. Para alguns... torna-se deveras aflitivo”. O verdadeiro remédio para muitos casos emocionais provém da descoberta da verdade acerca de si mesmo, aceitando-a e mudando os hábitos e atitudes através da disciplina.

Porém, a autocompreensão não se pode adquirir facilmente. É-nos difícil ser absolutamente honesto e franco na análise de nós mesmos. Temos a tendência de nos ver não como somos, mas como desejamos ser, ou como esperamos que outros nos vejam. Enquanto um artista lhe pintava o retrato, um personagem de fama disse: “Pinte-me precisamente como sou—verrugas e tudo”. Para nos conhecermos verdadeiramente a nós mesmos, enfrentemos o lado bom e o mau, “verrugas e tudo”.

Que maravilhoso é para o crente ter a assistência do Espírito Santo! Pela oração e outros meios Ele revela a verdade acerca de nós mesmos. A Bíblia também fornece uma Fonte de iluminação. “Pelos teus mandamentos alcancei entendimento” declarou o Salmista (Salmo 119:104).



Temos acesso a obras proveitosas. Uma jovem que sofria de fadiga e preocupações escreveu: “Eu estou a ler *A Arte de Te Compreenderes a Ti Mesmo*. Tem-me ajudado muito. Vejo que não sou tão má como pensava que era”.

Falar com outras pessoas também pode trazer luz. A mesma senhora disse: “Uma tarde enquanto ia da escola para casa com uma professora amiga, conversámos sobre problemas nervosos. Ela falou-me de algumas das suas próprias experiências e de suas amigas, e eu fiquei admirada. Essas experiências eram exactamente como a minha. Foi uma revelação...”

Escrever uma autobiografia às vezes ajuda. Ao recordar as experiências passadas, adquirimos maior compreensão. Quando eu era jovem, minha mãe fez uma linda festa no dia dos meus anos com alguns amigos para festejarmos a data. Tudo correu bem até começarmos um jogo em que um dos participantes era chamado fantoche. Chegou a minha vez. Todos se riram, bateram palmas, saltaram dum lado para outro e gritaram alegremente: “Paulina é um fantoche! Paulina é um fantoche!”

O seu riso e atitude tocaram profundamente a minha sensibilidade. Comecei a chorar e recusei ser consolada. Em casa a minha mãe pegou-me ao colo e persuadiu-me que os meus amiguinhos estavam-se a rir *comigo* e não *de mim*.



Foto por José Pacheco

CORTESIA CRISTÃ

—Ross W. Hayslip

Em I Pedro 3:8, aconselha-se o cristão a ser amável. Este termo vem doutro grego que basicamente significa “compassivo”. É manifestação exterior de uma atitude interior.

A vida social de Jesus, como se encontra revelada nos evangelhos, caracteriza-se por amabilidade. As atitudes de cortesia suavizaram Sua vida e enobreceram Seus actos. Essas relações maravilhosas com os homens brotaram dum coração cheio de amor.

John Henry Newman disse que uma pessoa educada procura, principalmente, eliminar os obstáculos que estorvam a liberdade das boas acções dos que a rodeiam. Evita choques de opinião, de sentimentos, de restrição, de suspeita, de pessimismo ou ressentimento que impeçam os outros de se sentirem bem a seu lado. Recomenda tratar com prudência os inimigos, como se soubéssemos que algum dia chegarão a ser nossos amigos.

Diz-se que é melhor ser afável que hábil, cortês que inteligente. No entanto, tenho visto estas qualidades maravilhosamente combinadas numa mesma pessoa.

Um político famoso escreveu o seguinte a um amigo acerca do carácter dum presidente do seu país: “Foi, verdadeiramente, em todo o sentido da palavra, um homem sábio e bom. Entre os amigos, quando podia ser cauteloso, conversou sempre com plena liberdade. Os seus talentos eram medíocres, pois não possuía abundância de ideias nem espontaneidade de palavras. Quando lhe pediam alguma opinião em público, nunca estava pronto a expressá-la.”

Embora fosse esta a característica do estadista, este costumava afirmar: “Nunca digo algo duma pessoa que não me atrevera a dizer-lho pessoalmente”.

O mundo em breve nos esquecerá, apesar da nossa muita ou pouca inteligência e sabedoria. Ao partir para a eternidade, deixaremos os bens que aqui granjeámos. Mas as pequenas obras de amor e bondade feitas com cortesia a favor do próximo, constituirão a melhor recompensa da nossa vida.

Ser afável e delicado não custa, quando o somos com os olhos em Deus e para melhor comunicação com os outros. □

Porém, a cicatriz desse incidente histórico causou-me uma impressão indelével. Nos anos posteriores, quando passava por crises de tensão nervosa, voltava essa sensação desagradável. Depois de compreender porque eu era assim atormentada, esforcei-me por pedir ao Senhor a Sua ajuda especial.

A recordação de experiências mais recentes nos ajudam a melhor compreensão. Uma professora de educação primária estranhava a antipatia das suas crianças pela leitura. Relembrando os tempos da sua meninice conseguiu descobrir o motivo.

O irmão mais velho de Gail, aluno da primeira classe, estivera doente a maior parte do inverno. A mãe procurou ensiná-lo em casa, mas ele era retardado. A senhora perdeu a paciência. “Que palavra é esta?”, perguntava irritada. “Que significa?” Depois de várias repreensões, o menino ficava a chorar. Gail amava muito o irmão e concluiu que uma coisa que o fazia sofrer tanto, devia ser horrível. Por isso, começou mal a escola; também ela odiava a leitura.

A autocompreensão é necessária para a felicidade; mas a tolerância na introspecção pode aumentar o egocentrismo, arruinar a energia e paralisar a vontade. Portanto, depois de termos um inventário honesto e completo de nós mesmos, sigamos para a frente, vivendo com fé, amor e esperança, aproveitando o que se nos deparar. □

responsabilidade moral do cientista

Vivemos numa época em que a segurança é tão débil e os objectivos firmes tão raros, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante mesmo quando elas, como todos os juízos de valor, não se justifiquem pela lógica.

Daí a pergunta: "Devemos considerar a busca da verdade—ou, em termos mais modestos, o nosso esforço em compreender o universo cognoscível mediante o pensamento lógico construtivo—como um objectivo absoluto do nosso trabalho? Ou estará subordinada a outros propósitos a busca da verdade? Não é na lógica que podemos encontrar a resposta. Ela terá influência no nosso pensamento e discernimento moral se proceder de convicção profunda e inalterável. A meu ver, o esforço em conseguir maior percepção e ampliar conhecimentos é um desses objectivos absolutos sem os quais ninguém pode adaptar à existência uma atitude consciente e positiva.

Por sua própria natureza, o nosso esforço procura penetrar a vasta e complexa diversidade da experiência humana e simplificar as hipóteses fundamentais. O convencimento de que estes objectivos podem coexistir é, dado o estado primitivo do conhecimento científico, uma questão de fé. Sem ela, eu não teria a firme convicção do valor absoluto do conhecimento.

Esta atitude do cientista em certo sentido religioso influi no conjunto de sua personalidade, porque para ele não existe, em princípio, autoridade—fora do conhecimento baseado na experiência e nas leis da lógica—cujas decisões e declarações pretendam ser a "verdade". Chegamos, assim, ao paradoxo dum pessoa, que se dedica ao estudo da realidade objectiva, se tornar, sob o ponto de vista social, individualista irrefutável confiando apenas em si própria. O individualismo intelectual e a aspiração ao conhecimento científico surgem simultâneos na história e continuam inseparáveis. Poderia objectar-se que o cientista assim definido não existe na realidade. É apenas uma abstracção como a do *homo oeconomicus* da economia clássica. Mas creio que a ciência, tal como hoje a conhecemos, não poderia nascer nem conservar a sua vitalidade sem que, ao longo dos séculos, homens de valor se tivessem aproximado desse ideal.

Para mim, não é homem de ciência aquele que aprendeu a usar instrumentos e métodos que directa ou indirectamente aparecem com o rótulo de "científicos". Refiro-me unicamente àqueles que conservam vivo o espírito científico.

Qual será, pois, o lugar do cientista actual na

—Albert Einstein

(Extracto do discurso de Einstein perante o 43º Congresso da Sociedade Italiana para o Progresso das Ciências).

sociedade?

Evidentemente, sente-se orgulhoso por o seu labor ter contribuído para transformar por completo a vida económica da humanidade ao eliminar em grande parte o esforço muscular. Mas afligem-no os resultados do trabalho científico ao tornarem-se ameaça, por cair em mãos de políticos moralmente cegos. O cientista tem consciência de que os métodos tecnológicos do seu trabalho provocaram concentração de poder económico e político nas mãos de minorias que conseguiram dominar a vida das massas populares, estas cada vez mais atrofiadas.

Além disso, essa concentração de poder reduziu o cientista a situação de dependência económica que dificulta a sua liberdade interior. Métodos subtis de pressão intelectual e física impedirão que se formem personalidades independentes.

O destino do cientista, como o vemos com nossos olhos, é realmente trágico. Buscando com sinceridade a independência interior, forjou com esforços sobre-humanos os instrumentos utilizados para escravizar e destruir. Não pode evitar que aqueles que exercem a força física o abocanhem. Como um soldado, vê-se constrangido a sacrificar a própria vida e a dos outros, embora convencido de que é um absurdo. Tem plena consciência do inevitável da destruição universal; uma vez que as circunstâncias históricas concentraram todo o poder económico, político e militar nas mãos de gover-





nantes.
Reconhece que só um sistema supranacional, baseado no direito que elimine para sempre os

métodos da força bruta, poderá salvar a humanidade. No entanto, chegou a aceitar como fatal a dependência imposta pelo Estado. Aviltou-se ao extremo de contribuir obedientemente para aperfeiçoar os meios conducentes à destruição total da humanidade.

Haverá escapatória para o cientista? Deverá ele tolerar e sofrer tais ignomínias?

Terá passado o tempo em que sua liberdade interior e independência de pensamento e de acção lhe permitiam ser guia e benfeitor do seu semelhante? Terá ele exagerado o aspecto puramente intelectual do seu trabalho, em descrédito da sua responsabilidade e dignidade? A minha resposta é que se pode destruir um homem essencialmente livre, mas não escravizá-lo e utilizá-lo como máquina.

Se o cientista pudesse encontrar hoje o tempo e o valor necessários para reconsiderar honesta e objectivamente o seu lugar e as tarefas que lhe incumbem, aumentaria a possibilidade de solucionar com sensatez a perigosa situação internacional presente. □

por que vou à igreja?

1. O Senhor me ordena a fazê-lo (Salmo 95:1).
2. Prometi assiduidade quando me uni à igreja.
3. Deve ser meu desejo constante (Salmo 27:4).
4. É o melhor lugar que posso encontrar (Salmo 34:10).
5. Deus tem para mim uma mensagem que não devo perder (Salmo 95:6-7).
6. Vou para imitar o exemplo do meu Salvador (Lucas 6:16).
7. O pastor conta comigo, com a minha presença e participação nos cultos.
8. Com a minha ajuda outros se animarão (Salmo 122:1).
9. O meu exemplo estimulará a assistência à igreja (Romanos 16:7).
10. Quando ausente, outros têm de me substituir (I Coríntios 3:8); e em trabalhos de grupo faltará a minha colaboração.
11. O Senhor conta com a minha oferta (I Coríntios 16:2).
12. Se começar bem a semana, trabalharei com mais dedicação durante ela (Mateus 6:33).
13. Serei mais diligente no serviço do Senhor (Romanos 12:11).
14. Quando faltar à igreja terei de prestar contas a Deus (Hebreus 2:1-3).
15. Serão sempre fracas quaisquer desculpas que pretenda apresentar.
16. Se não assisto, entristeço o Espírito Santo (Efésios 5:30).
17. É prejudicial faltar às reuniões (Hebreus 10:25). □

CREMOS

Que há um só Deus—o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Que as Escrituras do Velho e do Novo Testamentos, dadas por inspiração plena, incluem toda a verdade necessária à fé e à vida cristã.

Que o homem nasce com uma natureza corrompida e é, portanto, inclinado ao mal, e isto continuamente.

Que aquele que continua impenitente até o fim fica perdido eternamente e sem esperança.

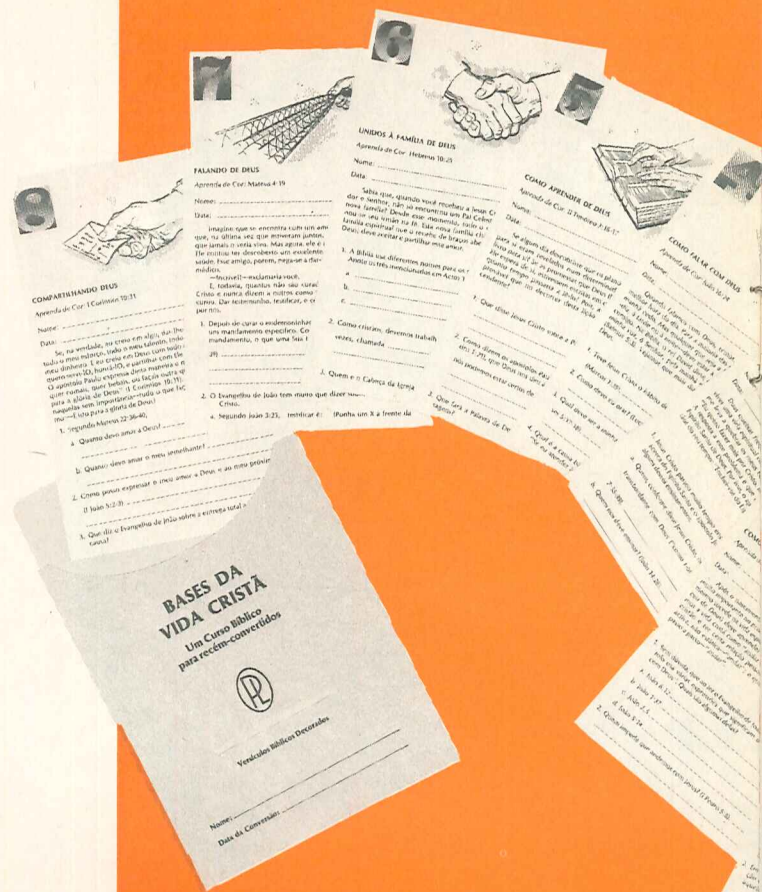
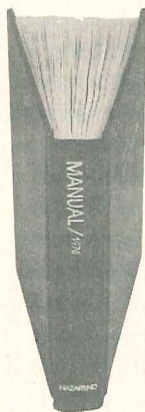
Que a expiação mediante Jesus Cristo é para toda a raça humana; e que aquele que se arrepende e crê no Senhor Jesus Cristo é justificado, regenerado e salvo do domínio do pecado.

Que os crentes, depois da regeneração, deverão ser inteiramente santificados pela fé no Senhor Jesus Cristo.

Que o Espírito Santo testifica do novo nascimento e também da inteira santificação dos crentes.

Que o nosso Senhor Jesus Cristo voltará, os mortos serão ressuscitados e se realizará o juízo final. □

(MANUAL, Declaração de Fé Convencionada)



CURSO BÍBLICO

BASES DA VIDA CRISTÃ—um curso que ajudará o recém-convertido, o aluno da Escola Dominical, o que deseja ser membro da Igreja, a firmar-se na vida cristã.

É BREVE—Contém 8 lições.

É BÁSICO—Trata de 8 temas essenciais à vida cristã.

É BOM—Saboreado o leite da Palavra, os Filhos de Deus desejarão a carne espiritual.

Encomende suficientes exemplares para elementos da Igreja e da Escola Dominical

Preço por unidade—US\$0.75

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES



PERGUNTAS E RESPOSTAS

✓ De acordo com Gênesis 11:1-9, Deus confundiu a língua dos construtores da Torre de Babel para que não se compreendessem uns aos outros. No entanto I Coríntios 14:33 diz: "Deus não é Deus de confusão, senão de paz". Estes versículos parecem contraditórios. Explique-me, por favor.

Deus confundiu a língua dos construtores da Torre de Babel para frustrar a sua rebelião arrogante contra Ele. Babel era um símbolo de unidade falsa, homens unidos num esforço de segurança e governo sem Deus.

Por outro lado, o propósito da adoração na igreja é criar uma unidade verdadeira, uma comunidade que glorifique a Deus e cuide do bem-estar mútuo. A confusão de línguas impossibilita-o. Por isso, Deus ordena paz e unidade nos cultos da igreja.

O Senhor confunde a língua dos povos da terra como um julgamento, um meio de impôr restrições ao mal. Mas na igreja Deus manda falar claro e que nos unamos todos para aumentar o bem. Em ambos os casos Ele procede com misericórdia.

Um mundo e uma língua representam algo desejável, se o povo usa tal unidade para honrar a Deus e servir ao próximo; caso contrário, não, estará negando a Deus e exaltando a si próprio. A atitude do Senhor com respeito à língua é determinada pela espécie de unidade que ela promove ou destrói. Sempre há palavras que caem em desuso. Novas são inventadas e começam a circular. A língua é um fenómeno vivo, desafiante. De modo que uma tradução "na linguagem do povo" de ontem, pode tornar-se arcaica e sem sentido para as massas de hoje.

✓ Até onde poderemos chegar em submeter-nos ao que os outros pensam que nós devemos fazer ou omitir por se

tornar pedra de tropeço para um irmão ou irmã em Cristo? (Romanos 15:1).

Não devemos ser escravos da opinião alheia. Por outro lado, se perdemos a liberdade em amar os irmãos na fé e salvaguardar a sua consciência, tornamo-nos escravos da nossa própria opinião, o que é mau. Romanos 14:5 declara que devemos ter convicções pessoais; e 14:21 aconselha a respeitar a consciência do irmão mais fraco. Apenas o amor nos pode libertar para considerar ambos os aspectos e ao mesmo tempo!

Talvez nos capítulos 14 e 15 da Epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo nos ajude indirectamente a reconhecer "até onde podemos chegar". Se o irmão mais fraco compreender esta parte de Romanos, saberá que as suas convicções representam fraqueza e não espiritualidade. Então chegará a uma situação de maior liberdade e fortaleza. Nós temos obrigação de proteger e esclarecer a sua consciência.

✓ Na minha classe da Escola Dominical poucos alunos preparam a lição e quase nunca levam a revista de estudo. Qual será o problema e como pode um professor enfrentar essa indiferença?

(1) A classe precisa de reconhecer a importância das Sagradas Escrituras para a sua vida; e (2) os alunos devem apreciar o valor da revista das lições do trimestre em dirigi-los a essa descoberta.

Para o conseguir é necessário habilidade e sabedoria. A meu entender, ensinar uma classe de Escola Dominical é a tarefa mais difícil da igreja. Admiro profundamente os homens e mulheres que o fazem com fidelidade.

Você deve contactar a Junta de Vida Cristã da sua igreja. Ela lhe indicará materiais, recursos e pessoas com experiência que o poderão ajudar a resolver o seu problema. □

MÚSICA INSPIRADORA!

"PELO MEU ESPÍRITO"

A Vida do Espírito é difícil de definir, mas muito real para a pessoa que a vive. É por isso que, para este disco de ênfase puramente espiritual, escolhemos trechos musicais bem conhecidos do povo evangélico. A combinação do tradicional na lírica com a tonalidade musical moderna oferece o clima pelo qual se des-

lizam pensamentos cheios de emoção, ideais combinados com a realidade, inteligência dentro dum padrão emocional.

Estas melodias podem ser usadas separadamente ou no conjunto, como cantata.

Disco LP — Stereo . . U.S. \$5.50
LIVRO com letra e música de todos os números do disco "PELO MEU ESPÍRITO" U.S. \$2.00

HINOS GLORIOSOS DA IGREJA

Na sua dimensão real, a Igreja não tem fronteiras. É também universal a sua música. Sempre que corações são irmanados pela identidade de experiência ou de aspirações, falam uma língua comum.

HINOS GLORIOSOS DA IGREJA encontrará eco em muitas vidas. A selecção que o disco apresenta sensibiliza áreas preciosas da alma. Chega ao círculo íntimo, onde só é admitido o Criador. Aqui, têm relevo especial hinos como "Senhor, Eu Te Conheço", "É Cristo Meu Rei", "Pai Celeste, Rei Eterno". Estende-se depois o círculo para abraçar a irmandade crente, em música de testemunho e de louvor: "Exultai", "Junto à Cruz", "A Fonte Viva", "Prazer em Servir".

A progressão é natural. Agora, a alma desfralda bandeiras e enfrenta o mundo, cheia de certeza e confiança. É o que traduz o som marcial de "Castelo Forte", "Vencendo Vem Jesus" e "Eis o Estandarte".

O vocabulário da alma ficou mais rico com a aparição deste disco.

Disco LP — Stereo U.S. \$5.50



Faça hoje a sua encomenda à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES